

1

Um rei melancólico: A corte esforça-se por o honrar

É DA COR de um crânio desbotado, a pele; e é branco de leite o longo cabelo que lhe escorre até abaixo dos ombros. Da bela cabeça afunilada espreita um par de olhos rasgados, rubros e taciturnos, enquanto das mangas largas da toga amarela surgem duas mãos delicadas, também da cor do osso, repousando cada uma sobre o braço de um trono esculpido dum único e enorme rubi.

O olhar escarlate sobressalta-se e, de quando em quando, a mão ergue-se e tacteia o elmo que assenta levemente nas madeixas brancas: um elmo feito duma liga escura, esverdeada, e moldado com requinte à imagem de um dragão prestes a levantar voo. Na mão que acarinha a coroa encontra-se um anel engastado com uma pedra rara de Actorios, cujo âmago se move e se transforma devagar como se de fumo inteligente se tratasse, tão agitado na preciosa masmorra quanto o jovem albino no seu Trono de Rubi.

Lança um olhar do topo da longa escadaria de quartzo para onde a corte se diverte, dançando com tamanha fragilidade e graça sussurrante que bem podia tratar-se duma corte de fantasmas. Na sua mente debate questões morais, e é precisamente esta actividade que o separa da vasta maioria dos seus súbditos, pois tal multidão não é humana.

Este é o povo de Melniboné, Ilha dos Dragões, que dominou o mundo por dez mil anos, apenas para ver o poder diluir-se ao longo dos últimos séculos. Um povo cruel e inteligente, para quem «princípios morais» significam pouco mais que o devido respeito pelas tradições de uma centena de séculos.

Para o jovem, quadringentésimo vigésimo oitavo descendente directo do primeiro Feiticeiro Imperador de Melniboné, tais suposições soam tão ridículas quanto arrogantes; é manifesto que a Ilha dos Dragões perdeu grande parte do poder que tinha e que em breve estará ameaçada, dentro de um ou dois séculos, por conflitos directos com as nações humanas emergentes a que os melniboneses chamam, com alguma condescendência, Reinos Jovens. Na verdade, já várias armadas piratas lançaram investidas sem sucesso contra Imrryr a Bela, a Cidade Sonhadora, capital de Melniboné, Ilha dos Dragões.

Ainda assim, mesmo os amigos mais íntimos do imperador recusam-se a discutir a eventual queda de Melniboné. Desagrada-lhes qualquer menção à ideia, encarando tais observações não apenas como impensáveis, como também de uma extraordinária falta de bom gosto.

Por isso, a sós, o imperador cisma. Lamenta que o pai, Sadric LXXXVI, não tenha gerado mais filhos, pois assim talvez houvesse um monarca mais apto para ocupar o Trono de Rubi. Sadric morrera há um ano, acolhendo com um murmúrio de gratidão o que quer que tenha vindo para lhe reclamar a alma. Durante toda a vida, Sadric jamais teve outra mulher que não a dele, pois a Imperatriz morrera ao dar à luz o seu único e anémico rebento. Sadric amara a esposa com emoções típicas de Melniboné (estranhamente diferentes das dos recém-chegados humanos), e viu-se incapaz de encontrar prazer em qualquer outra companhia, mesmo a do filho que a matara e que era tudo quanto restava dela. Através de poções mágicas, entoações rúnicas e ervas raras, o rapaz foi crescendo, a força conservada artificialmente por toda a arte conhecida dos

Reis Magos de Melniboné. E sobreviveu — ainda sobrevive — tão-somente graças à feitiçaria, já que é franzino por natureza e, sem as suas drogas, mal conseguiria erguer os braços durante a maior parte de um dia normal.

Se o jovem imperador encontrou vantagem na sua fraqueza de sempre, talvez seja devido a ter-se dedicado, por força, à leitura. Antes dos quinze, já tinha devorado todos os livros na biblioteca do pai, alguns mais que uma vez. De início transmitidos por Sadric, os poderes mágicos que detém agora são mais que os de qualquer dos seus antepassados desde há várias gerações. O seu conhecimento do mundo para além das costas de Melniboné é profundo, ainda que a experiência directa continue por adquirir. Se assim o desejasse, seria capaz de ressuscitar o antigo poderio da Ilha dos Dragões e governar a nação e os Reinos Jovens como um tirano invencível. No entanto, a leitura também lhe tinha ensinado a questionar os usos e os motivos do poder, e se devia sequer exercer a sua autoridade, independentemente da causa. A leitura conduziu-o a esta «moral», que, apesar de tudo, ainda lhe custa compreender. Assim, tornou-se um enigma para os súbditos, e para alguns até uma ameaça, já que não pensa nem age como um verdadeiro melnibonês (e, para mais, imperador). O primo Yyrkoon, por exemplo, foi ouvido mais que uma vez duvidar do direito imperial de governar o povo de Melniboné.

— Esse frágil intelectual será a nossa desgraça — confessou uma noite a Dyvim Tvar, o Senhor das Cavernas dos Dragões.

Dyvim Tvar, sendo um dos poucos amigos do imperador, logo o informou da conversa, porém o jovem rejeitou os comentários como sendo «nada mais do que uma traição insignificante», ao passo que qualquer um dos seus antepassados teria premiado tais sentimentos com uma intensa e demorada execução pública.

A atitude do imperador é ainda complicada pelo facto de Yyrkoon, que continua a fazer muito pouco segredo de opiniões sobre quem devia governar, ser irmão de Cymoril, uma das amigas mais chegadas do albino, e que virá um dia a ser imperatriz.

Ao fundo do salão, pode observar-se o príncipe Yyrkoon, trajado nas melhores sedas, peles, jóias e brocados, dançar sobre o chão de mosaico com uma centena de mulheres, ao que consta todas suas amantes numa altura ou noutra. O rosto escuro, simultaneamente elegante e saturnino, cerca-se de longos cabelos negros, ondulados e enebados, e a expressão é, como sempre, sardónica, enquanto o porte exala arrogância. O pesado manto de brocado oscila para aqui e para ali, atingindo os demais dançarinos com alguma força. Yyrkoon enverga-o quase como se fosse armadura, ou talvez uma arma. Muitos dos cortesãos nutrem mais que um pouco de respeito pelo príncipe. A arrogância ofende poucos, sendo conhecimento de todos que Yyrkoon é, ele próprio, um feiticeiro notável. Isto para além de ser o comportamento que a corte espera e agradece de um nobre melnibonês; é o que esperariam encontrar no imperador.

E o imperador sabe-o. Anseia agradecer a corte que se esforça por o honrar com dança e espírito, mas não se consegue convencer a tomar parte no que considera uma irritante e enfadonha série de atitudes rituais. Neste aspecto, talvez seja algo mais arrogante que Yyrkoon, esse, no mínimo, uma vulgar bota.

Das galerias, a música sobe em tom e complexidade enquanto os escravos, cada um especialmente treinado e operado para cantar uma única nota perfeita, são incitados a um desempenho mais ardente. Até o jovem imperador se comove com a sinistra harmonia do canto, que mal se assemelha a algo previamente entoado por uma voz humana.

Como pode todo este sofrimento inspirar tamanha beleza? interroga-se. Ou será toda a beleza produto da dor? Será esse o segredo da arte máxima, seja humana ou melnibonesa?

O imperador Elric fecha os olhos.

Dá-se um alvoroço no salão inferior. Os portões abrem-se e os cortesãos dançantes interrompem os passos, afastando-se e fazendo vénias exageradas quando entram os soldados. Estes envergam uniformes azuis-claros, elmos cerimoniais fundidos em formas fantásticas, e lanças largas ornamentadas com jóias em fitas. Escoltam uma mulher jovem cujo vestido azul condiz com os uniformes. Cinco ou seis pulseiras de diamante, safira e ouro cingem-lhe os braços descobertos. No cabelo enrolam-se fiadas de diamantes e safiras. Não traz qualquer desenho pintado sobre as pálpebras e malares, ao contrário da maioria das mulheres da corte. Elric sorri. É Cymoril. Os soldados são a guarda particular cerimonial que, por tradição, a acompanha à corte. Sobem os degraus que levam ao Trono de Rubi. Elric levanta-se devagar e estende as mãos.

— Cymoril. Julguei que tínheis resolvido não nos honrar com a vossa presença esta noite.

Ela devolve-lhe o sorriso.

— Meu imperador, decidi que afinal estava com disposição para conversar.

Elric está grato. Cymoril sabe o quanto o imperador se aborrece nestas ocasiões, e sabe também que é das poucas pessoas em Melniboné cujas conversas lhe interessam. Se o protocolo o permitisse, Elric oferecer-lhe-ia o trono, mas sendo assim ela terá de se sentar no degrau mais alto a seus pés.

— Sentai-vos, por favor, doce Cymoril.

Elric retorna ao trono e inclina-se para a frente enquanto Cymoril se senta e o fixa nos olhos com um misto de humor e ternura. Enquanto os soldados se retiram para os lados da escadaria e se misturam com a guarda de Elric, ela sussurra-lhe:

— Escaparíeis comigo para a região selvagem da ilha, amanhã, meu amo?

— Há assuntos a que devo dar atenção...

A ideia atrai-lhe. Tinham decorrido semanas desde a última saída da cidade na companhia de Cymoril, a escolta mantendo uma distância prudente.

— São urgentes?

Elric encolhe os ombros.

— Que assuntos são urgentes em Melniboné? Ao fim de dez mil anos, a maior parte dos problemas resolve-se sempre da mesma maneira. — Elric sorri quase de esguelha, como o sorriso de um colegial que faz planos para faltar às aulas. — Pois bem, partiremos amanhã cedo, antes de todos acordarem.

— O ar longe de Imrryr vai estar fresco e limpo. O sol vai estar quente para a época. O céu, azul e sem nuvens.

— Grande feitiço deves ter lançado! — ri-se Elric.

Cymoril baixa o olhar e traça um padrão no mármore do estrado.

— Bem, talvez um pouco de magia. Tenho alguns amigos entre os elementais mais fracos...

Elric estica-se para lhe acariciar os cabelos claros e delicados.

— Yyrkoon sabe? — pergunta.

— Não.

O príncipe Yyrkoon proibira a irmã de se ocupar com assuntos mágicos. Yyrkoon tem amigos apenas entre os seres sobrenaturais mais tenebrosos, e conhece bem os perigos de se lidar com eles; logo, assume que todas as transacções mágicas acarretam um factor de perigo semelhante. Além do mais, detesta pensar que outros

possam ter o mesmo poder que ele. Talvez seja isso o que o príncipe mais odeia em Elric.

— Vamos esperar que toda a Melniboné precise de bom tempo para amanhã — diz Elric.

Cymoril olha-o com curiosidade. É demasiado melnibonesa. Nunca lhe ocorreu que a sua feitiçaria pudesse incomodar alguém. Encolhe então os encantadores ombros e toca o imperador levemente na mão.

— Esta «culpa» — diz. — Esta busca por uma consciência. O meu simples raciocínio não lhe alcança o porquê.

— Nem o meu, confesso — responde Elric. — Parece não ter qualquer função prática. E, no entanto, mais que um dos nossos antepassados previu uma mudança na natureza do mundo. Uma mudança tão espiritual quanto física. Talvez sejam reflexos dessa mudança, estes pensamentos tão estranhos e contrários à maneira de ser dos melniboneses?

A música aumenta e diminui de volume. Os cortesãos continuam a dança, embora muitos olhares parem sobre a conversa entre Elric e Cymoril no topo do estrado. Lavra a especulação. Quando se decidirá Elric a anunciar Cymoril como futura imperatriz? Irá Elric restaurar a tradição, interrompida por Sadric, de sacrificar doze noivas e os respectivos noivos em honra dos Senhores do Caos e assim assegurar bom matrimónio para os soberanos de Melniboné? Era óbvio que a recusa de Sadric em permitir que o costume continuasse lhe tinha trazido miséria, a morte da mulher e um filho doente, ameaçando a própria continuidade da monarquia. Elric precisa de restabelecer a tradição. Até Elric deve temer a repetição do destino que se abatera sobre o pai. Contudo, há quem diga que Elric nada fará de acordo com a tradição, ameaçando não só a própria vida, como também a existência de Melniboné e tudo quanto a nação representa. É quem fala nestes termos é muitas vezes visto como mantendo boas relações com o príncipe Yyrkoon, que continua a dançar, aparentemente desconhecedor da conversa no topo da escadaria, ou mesmo que a irmã fala tranquilamente com o primo sentado no Trono de Rubi; o primo sentado na beira do trono, absorto de toda a dignidade, e sem exibir nenhuma da ferocidade e altivez que, no passado, marcaram praticamente todos os imperadores de Melniboné; o primo que, em amena cavaqueira, se esquece que toda a corte dança para o alegrar.

É então que, de súbito, o príncipe Yyrkoon gela a meio duma pirueta e ergue o olhar negro na direcção do imperador. A atitude dramática e calculada de Yyrkoon chama a atenção de Dyvim Tvar, num dos cantos do salão, e o Senhor das Cavernas dos Dragões franze o sobrolho. A mão recai sobre onde a espada normalmente estaria, contudo não há lugar para armas num baile da corte. Com cautela, Dyvim Tvar observa o nobre corpulento enquanto este começa a escalar os degraus que levam ao Trono de Rubi. Vários olhares acompanham o primo do imperador, e agora quase ninguém dança, apesar da música continuar a crescer em intensidade enquanto os donos dos escravos musicais os incitam a esforços cada vez maiores.

Elric levanta os olhos e depara-se com Yyrkoon no degrau logo abaixo daquele onde Cymoril se senta. Yyrkoon faz uma vénia que é também um insulto velado.

— Apresento-me ao meu imperador — diz.